

6 Conclusão

Ao final do século XIX, a imprensa dos Estados Unidos, influenciada pelos ideais Iluministas e sustentada não mais pelos políticos, mas pelos anunciantes, era uma imprensa moderna. A *penny press* conquistava as massas dos grandes centros urbanos e implantava o jornalismo dito imparcial, que separava fatos de opiniões.

O *New York Times* foi um dos primeiros jornais a declarar a imparcialidade como um princípio a ser atingido, carregando-o até hoje, como ficou claro no início de sua publicação *on line*, em 1996. O periódico da família Ochs, que pretendia inicialmente ser um jornal de registro e serviu de modelo para jornais e jornalistas de todo o mundo, passou por muitas transformações em sua trajetória, no entanto, nada arranhou tanto sua imagem quanto as fraudes do repórter Jayson Blair, que simplesmente não condiziam com a credibilidade da publicação, associada, por anos, aos ideais de objetividade e busca incessante pela verdade dos fatos.

O jornal que, no fim do século XIX, ganhou o apelido de “o grande contemporizador”, passou pela década do jornalismo escandaloso (década de 1920), pelas décadas do jornalismo interpretativo (décadas de 1930 e 1940) e pelo *new journalism* (década de 1960), mas sempre manteve como instrumento principal de trabalho a notícia estandardizada, sinônimo de notícia verdadeira e confiável para muitos jornalistas e leitores, como mostram pesquisas recentes realizadas naquele país, que o apontam como o principal jornal dos Estados Unidos.

Se estão naquelas páginas “todas as notícias dignas de publicar”, então o que é digno de se publicar sobre o outro? Especialmente neste período pós-11 de setembro, falar daquele que compreende e vive o mundo de forma diferente do “*american way of life*” é um grande desafio para o jornalista americano (e para qualquer jornalista em qualquer lugar do mundo que pretende narrar o diferente), principalmente para aquele que ainda acredita na capacidade de encontrar a verdade dos fatos.

Como traduzir uma cultura diversa não é tarefa fácil para a prática jornalística, a objetividade e a forma de notícia padronizada, apesar de servirem

muitas vezes como um álibi para a falta de tempo e o pouco trabalho de apuração, vêm agravar o olhar autoritário do jornalista sobre seu objeto. Daí surgirem questionamentos e dúvidas a respeito da capacidade deste jornalismo tradicional em falar do outro respeitando sua alteridade.

Não é de hoje que se questionam as premissas do jornalismo moderno. Na verdade, todo o século XX foi marcado por pesquisas na área de comunicação que repensaram a “teoria do espelho” no jornalismo. Entretanto, algumas vertentes teóricas em voga na contemporaneidade acabam por defender indiretamente o formato de jornalismo tradicional, considerando que possíveis falhas das reportagens se devem às rotinas de trabalho dos profissionais da notícia. O que se tem como resultado é a absolvição prévia dos atos do jornalista. Conseqüentemente, esta tendência teórica não aponta saídas, apenas conforma-se com os erros rotineiros da imprensa.

Trata-se de um panorama teórico conformativo que não condiz nem com a realidade cotidiana do campo (que permanece fiel ao ideal de objetividade e busca da verdade dos fatos por meio de uma linguagem imparcial), nem com as novas necessidades de se falar do outro, permitindo que este exista na diferença.

O personagem Marcos Pontes é um exemplo nacional de como a leitura de uma cultura tornou-se mais complexa e problemática em tempos de multiplicação de falas da margem. Afinal, nosso Macunaíma contemporâneo foi visto e ouvido pelos mais diversos públicos, das mais diversas mídias no mundo inteiro, entretanto, os projetos científicos brasileiros continuam a depender de aportes de capital estrangeiro. A mensagem que se extrai deste episódio é clara: precisamos ser efetivamente ouvidos e respeitados como mais uma existência possível e viável.

O jornalismo pode contribuir com narrativas estratégicas que oferecem possibilidades de existências outras e contribuem para que esta margem seja efetivamente ouvida e respeitada. Mesmo no jornalismo tradicional do *New York Times* é possível encontrar novas formas de narrar o outro, que fogem do formato jornalístico padronizado.

É possível pensar na narrativa jornalística como lugar privilegiado de dialogismo e de respeito pela diferença, tornando-se poderoso instrumento de transformação social. Um jornalismo potencializador.

No entanto, não se transforma verdadeiramente a prática jornalística se não

alteramos a forma como seus profissionais a compreendem e a praticam. A mudança passa, inevitavelmente, pela participação ativa dos “fotógrafos experimentais”, estes profissionais que jogam contra o aparelho de forma consciente.

Se a narrativa jornalística tradicional tende a contribuir para o desperdício de experiências por ter sua forma previamente determinada, as narrativas que brincam com o formato tradicional são, não só potencializadoras, como múltiplas. Não há uma forma ideal de brincar contra o aparelho jornal, há várias. Entre elas, a narrativa-mosaico encontrada nas reportagens “36 hours in”.

Para além das amarras do *lead* noticioso, há diversas possibilidades de um jornalismo nos quais a margem pode ser efetivamente ouvida. Um jornalismo que não é mais aquele herdado do século XIX e baseado nos ideais racionalistas, progressistas, cientificistas e causais. Ao contrário, este novo jornalismo é dialógico porque traduz outras culturas sem destruí-las, diminuí-las ou apagá-las. Um jornalismo consciente da incompletude das culturas.

Nesta narrativa jornalística dialógica e tradutora de culturas (no sentido de Boaventura), o Brasil pode ganhar uma nova narrativa menos angustiante, porque mais potencializadora. O lugar que queremos (e podemos) ocupar no mundo poderá ser múltiplo.

A estratégia de enunciação do texto jornalístico que procura traduzir o diferente pode transformar o leitor em co-produtor, e o aparelho jornal, normalmente vinculado a um formato rígido e autoritário com relação ao seu público, pode ser derrotado pelo repórter experimental. Um jogo que sempre terá regras não completamente previsíveis, porém, possível de ser jogado.

Aquilo que escapa às tentativas do repórter de explicar o que vê e sente é sempre uma indicação de que o jogo foi jogado e que, possivelmente, foi ganho pelo repórter. O importante é que se mantenha a vontade de brincar contra o aparelho. Fundamental também é criar constantemente novas formas de jogar o jogo, pautadas todas não por uma vontade de verdade, mas pela razão cosmopolita e a vontade de tradução.

Existem narrativas de Brasil menos angustiantes e mais potencializadoras, mesmo no grande aparelho que é o *New York Times* - reduto, ainda hoje, do jornalismo tradicional. Entretanto, a construção destas narrativas deve ser permanente para que não só o Brasil, como outros Outros possam ser efetivamente

ouvidos e respeitados em sua diferença e ganhem possibilidade de existência. Cabe a cada um dos jornalistas experimentais traçar uma leitura do diferente como mais uma existência possível e viável, e ficar atento ao seu texto, pois ele pode burlar as boas intenções do repórter.

Este estudo das narrativas jornalísticas internacionais serve não somente para apontar a forma como estamos sendo narrados, mas também, e principalmente, para colocarmos em prática novas narrativas potencializadoras e exigirmos que assim o façam quando somos o objeto do qual se fala.

Repensando o conceito de reportagem imparcial e as formas rígidas da linguagem noticiosa tradicional, aceitando outras técnicas de reportagem, é possível fazer emergir uma narrativa jornalística que contribui para a riqueza de experiências ao revelá-las. Narrar o outro passa a ser uma brincadeira, na qual o que importa é criar, e não destruir.